



# AS ADVERTÊNCIAS DO EU-LÍRICO EM POEMA DE HILDA HILST: SUA POSIÇÃO POLÍTICA EM TEMPOS DE DITADURA

Rian Lucas da Silva<sup>1</sup>, Suzi Frankl Sperber<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Pós-graduando em Docência com ênfase na Educação Básica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, IFMG, rian.pd2013@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora titular da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, sperbersuzi@hotmail.com

**Resumo:** Neste artigo, pretende-se analisar a poética da escritora Hilda Hilst a partir da análise do poema de nº III, inserido no capítulo intitulado “*Poemas aos homens do nosso tempo*”, do livro “*Júbilo, memória, noviciado da paixão*” (1974), para investigar o modo como o eu-lírico se posiciona de forma ativa e crítica no cenário político vigente da época, marcado pela ditadura empresarial civil-militar. Vê-se, portanto, a literatura como veículo tanto de denúncia quanto de luta engajada.

**Palavras-chave:** Literatura engajada, Hilda Hilst, Poética Hilstiana, Ditadura brasileira, Crítica.

## 1. Considerações iniciais

Por muito tempo, Hilda Hilst (HH) permaneceu sob os escombros de uma crítica que a relegava ao esquecimento. Esse panorama muda a partir dos anos 2000, em que ela ganha mais notoriedade em torno de sua vasta e ampla produção literária. Ainda assim, a ela foram destinados rótulos diversos, como ‘louca’, ‘puta’, ‘maldita’ e, até mesmo, ‘hermética’. Não obstante tais achismos e preconceitos tenham vigorado em torno de seu nome, sabe-se que HH é dona de uma produção única, vasta e revolucionária tanto quanto ao tema, como quanto à estrutura de suas obras. Anatol Rosenfeld (1970), importante crítico e teórico literário e de teatro teuto-brasileiro, enfatiza a excelência de HH ao produzir, com maestria, uma densa produção poética que abrange três distintos gêneros: a poesia lírica, a dramaturgia e a prosa narrativa.

É consenso que a crítica, no geral, tenha privilegiado, principalmente, o caráter pornográfico e carnal de seus textos, conforme ressalta Leitão (2018), em detrimento

Grupo de Pesquisa Texto Livre	Belo Horizonte	v.1	n.15	2023.1	e-ISSN: 2317-0220
-------------------------------	----------------	-----	------	--------	-------------------

Realização:

Apoio:

Produção:





UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

de suas possíveis inter-relações com os processos históricos. Não se trata, por sua vez, de (re)negar que esses temas não sejam frequentes na escrita de HH; mas apontá-la apenas como erótica/pornográfica reduz ao extremo suas qualidades literárias.

É fundamental, nesse sentido, compreender que os textos hilstianos, para além da vertente do amor/erótico, também apresentam posições ativas, críticas e reflexivas sobre o ser e sobre o mundo que o cerca. Neste trabalho, o foco recairá sobre a produção poética da escritora Hilda Hilst, mais especificamente, sobre o poema de número III, presente em “*Júbilo, memória, noviciado da paixão*” (1974) e incluído no capítulo “*Poemas aos homens do nosso tempo*”. Propõe-se investigar a forma como o eu-lírico assume uma posição ativa e crítica no que se refere ao cenário marcado pelo processo de ditadura empresarial civil-militar.

## 2. A literatura engajada em Hilda Hilst: breves apontamentos

O poema em estudo foi publicado em 1974, quando o país se encontrava dominado por um poder militar controlador, na ocasião, representado por Emílio Garrastazu Médici, que teve seu mandato presidencial de 30/10/1969 a 15/03/1974. Na época, houve repressão e censura às instituições civis; delação; proibidas manifestações contrárias ao sistema. O período ficou conhecido como Anos de Chumbo, pelo uso de meios violentos de repressão (tortura e assassinato) e censura na mídia, em toda produção cultural e até mesmo em salas de aula. Os intelectuais inseridos nesse contexto de repressão, a exemplo de Hilda Hilst, assumiram posição participativa e combativa, assim como o compromisso para com a mudança, tendo em vista que, engajar-se ia além da questão da responsabilidade, conforme Leitão (2018) defende. Nessa época, ainda relembra Leitão (2018), o espírito geral era o de que os artistas precisavam se engajar de modo ativo nos problemas de base política, a fim de se apresentarem como resistências face aos “poderosos aparelhos ideológicos do Estado ditatorial” (LEITÃO, 2018, p. 156).

A respeito da obra em estudo, Alcir Pécora, um dos grandes nomes dos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

estudos hilstianos, concorda com a dificuldade em tentar definir, ainda que em termos genéricos, este conjunto poético escrito por HH. Para o estudioso, existe na obra um empenho político de defender “as alturas da sua condição contra a vulgaridade, a banalidade pessoal, social e também a banalidade política” (PÉCORA, 2003, p. 13).

Luisa Destri (2010) também menciona que, nessa obra específica, existe uma certa coerência/progressão na maneira como os poemas amorosos se encaminham para os poemas de viés político engajado. Nelly Novaes Coelho (1980), crítica e amiga de HH, corrobora essa noção, sendo mais aguda, ao destacar que “a palavra de Hilda Hilst se amplia: da intencionalidade ético/existencial se abre para a política” (COELHO, 1980, p. 320). Coelho (1980) ainda assinala que os poemas deste livro abrangem o seu olhar para uma percepção de base política; sem que isso marque, de modo explícito, posicionamentos ideológicos e/ou partidários. Para ela, a resistência hilstiana encontra força na restituição da própria palavra poética e, também, no diálogo efetivo da poeta com “Os homens do nosso tempo”.

A arte, nesse viés, incorpora uma dimensão político-ideológica e figura como campo de atuação, isto é, de militância (LEITÃO, 2018), uma vez que se engajar implica, sobretudo, comprometer-se de modo ativo com causas comuns à sociedade.

### 3. O eu-lírico profeta: a denúncia à política na poesia hilstiana

Em primeira instância, é preciso encarecer que o poema fora publicado em um contexto marcado por retrocessos no que tange aos direitos de liberdade política, ética e moral de um povo: a ditadura brasileira. Tendo esse cenário em mente, torna-se possível compreender e inferir valores de significado e de significação no texto de Hilda Hilst.

III

Sobre o vosso jazigo  
– Homem político –  
Nem compaixão, nem flores.  
Apenas o escuro grito  
Dos homens.

Grupo de Pesquisa <i>Texto Livre</i>	Belo Horizonte	v.1	n.15	2023.1	e-ISSN: 2317-0220
--------------------------------------	----------------	-----	------	--------	-------------------

Realização:

Apoio:

Produção:





UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

Sobre os vossos filhos  
– Homem político –  
A desventura  
Do vosso nome.

E enquanto estiverdes  
À frente da Pátria  
Sobre nós, a mordaça.  
E sobre as vossas vidas  
– Homem político –  
Inexoravelmente, nossa morte.  
(HILST, 2018, p. 108).

Em primeiro plano, o poema se caracteriza pela predominância de versos livres e apresenta, estruturalmente, três estrofes, em que na primeira há cinco versos, na segunda, quatro, e na terceira, seis, destacando, desse modo, uma irregularidade e uma fuga da autora aos padrões tidos como clássicos do gênero.

Este poema, ao ser incluído no capítulo chamado “*Poema aos homens do nosso tempo*”, já anuncia que seu conteúdo será direcionado ao ‘homem’ moderno/contemporâneo, portanto o leitor espera pelo menos uma advertência. O poema começa e termina com uma espécie de invocação – referência – à morte do “homem político”. E caminha por três tempos: o futuro mais longínquo, *desideratum* figurador de danação, saltando a fúria para a maldição aos filhos; futuro do futuro, e finalmente um retorno ao presente, revelador da ameaça que paira sobre todos os cidadãos, enquanto viver tal criatura nefasta. A indignação manifesta convoca o homem contemporâneo à liberdade, ao reconhecimento de si e do mundo aprisionado e dá um fim ao “homem político” e a seus males.

O poema se constrói a partir de um eu-lírico que se coloca na condição de juiz, profeta e acusador. Em tom de profecia, ele inicia uma declamação direta que ataca o “Homem político”, ser ao qual o eu-lírico se dirige durante todo o poema (a repetição do termo, por três vezes, confirma esse destinatário comum). Na primeira estrofe, o eu-lírico conclama que, sobre o túmulo desse político, não haverá sequer compaixão, nem mesmo diante de sua morte. Restará, apenas, o grito avassalador dos homens. No segundo verso, o termo “homem” é inserido a partir da inicial maiúscula, o que sinaliza seu poder no contexto; ao passo que, no quinto verso, a mesma palavra é

Grupo de Pesquisa <i>Texto Livre</i>	Belo Horizonte	v.1	n.15	2023.1	e-ISSN: 2317-0220
Realização:	Apoio:				Produção:





UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

apresentada, mas com inicial minúscula, desta vez, o que sinaliza um contraponto entre os dois vocábulos e mundos. O primeiro uso pode revelar o homem detentor do poder, do arbítrio, da censura; enquanto o segundo revelaria o seu oposto, ou seja, o povo, amarrado, censurado, torturado.

Na segunda estrofe, o eu-lírico destila um anátema contra o Homem político: a desventura, o desgosto dos filhos pelo seu nome, o que sintetiza todos os atos injuriosos desse ser cometidos ao outro. A mesma crítica se encaminha na terceira estrofe, a mais longa. A presença desse “Homem político” à frente da nação é razão para que sempre exista a ‘mordança’ sobre os (sobre)viventes – não à toa, o termo “Pátria” foi sinalizado com inicial maiúscula para referir-se ao todo do país. Tal mordança pode indicar justamente o silenciamento, isto é, a opressão a que estão submetidos os sujeitos que vivem sob a governança desse “Homem político”.

Ao final, o eu-lírico encerra o poema com a denúncia: enquanto ele viver, o povo viverá sob uma espada de Dâmocles. A morte, agora, não é mais a do outro, “Homem político”, mas a nossa, a do leitor, a do receptor do poema, a dos concidadãos da figura nefasta. A terceira estrofe adverte: não basta amaldiçoar desejando a morte física, moral e política da criatura. O eu-lírico proclama a necessidade de reação diante da violência, injustiça e arbítrio.

Dessa forma, o caminho poético traçado pelo eu-lírico percorre os entornos que envolvem a vivência tanto daquele que amordaça, quanto daquele que é amordaçado, revelando um panorama duplo durante o poema. Face a isso, percebe-se a posição crítica, (*comb*)ativa, e comprometida do eu-lírico neste poema por revelar como seu caminho está marcado pela morte, a dos outros e a sua própria.

#### 4. Considerações finais

O eu-lírico do poema assume uma voz tonitruante, densa, peremptória que não se deixa abster nem coibir, tampouco se acovardar diante das violências perceptíveis; mas que se posiciona a partir de uma conduta profética, crítica e reflexiva contra aquele que se torna inimigo da pátria: o Homem político, figura que simboliza o

Grupo de Pesquisa Texto Livre	Belo Horizonte	v.1	n.15	2023.1	e-ISSN: 2317-0220
-------------------------------	----------------	-----	------	--------	-------------------

Realização:

Apoio:

Produção:





UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
UEADSL2023.1 - LIBERDADE E PRECONCEITO

sistema ditatorial, que espalha a morte ao seu redor.

Para além da potência profética, acusatória e impotente do eu-lírico, não se pode deixar de mencionar também que Hilda Hilst precisou de coragem para publicar, em 1974, no fim do mandato do mais cruel dos ditadores no Brasil, Emílio Garrastazu Médici, um poema que denuncia, grita e acusa, instaurando, por intermédio da palavra, uma conduta transparente e combativa. Com isso, conclui-se que a escritora, a partir da análise construída, surge como uma poeta engajada, pois, consoante Jean-Paul Sartre (1989, p. 20): “o escritor engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar”.

Por fim, este trabalho buscou explorar uma outra vertente da poética de HH: aquela em que se percebe uma posição ferrenha diante das problemáticas de então, a fim de se evidenciar essa outra face da escritora que, por vezes, tem sido ocultada por causa do foco exclusivo a outras temáticas, como a do corpo, do erótico e do pornográfico.

## Referências

COELHO, Nelly Novaes. A poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst e a “metamorfose” de nossa época. *In*: HILST, Hilda. **Poesia**: 1959-1979. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1980.

DESTRI, Luisa de Aguiar. **De tua sábia ausência**: a poesia de Hilda Hilst e a tradição lírica amorosa. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2010.

HILST, Hilda. **Júbilo, memória, noviciado da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LEITÃO, Andréa Jamilly Rodrigues. Volúpia de ser pássaro: o canto-resistência dos “Poemas aos homens do nosso tempo”, de Hilda Hilst. **Opiniões**, n. 12, p. 149-164, 2018.

PÉCORA, Alcir. Nota do organizador. *In*: HILST, Hilda. **Júbilo, memória, noviciado da paixão**. São Paulo: Globo, 2003.

ROSENFELD, Anatol. Hilda Hilst: poeta, narradora, dramaturga. *In*: HILST, Hilda. **Fluxo-Floema**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a Literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

Grupo de Pesquisa <i>Texto Livre</i>	Belo Horizonte	v.1	n.15	2023.1	e-ISSN: 2317-0220
--------------------------------------	----------------	-----	------	--------	-------------------

Realização:

Apoio:

Produção:

